

Saúde da população negra

2011 . Ano 8 . Edição 70 - 29/02/2012

Maria Inês da Silva Barbosa



(...) Los nadie: los hijos de nadie, los dueños de nada./ Los nadie: los ningunos, los ninguneados, corriendo la liebre/ muriendo la vida, jodidos, rejodidos./ Que no son, aunque sean.(...)/ Los nadie, que cuestan menos que la bala que los mata

Eduardo Galeano

Necessário se faz recordar que Ano Internacional das/os Afrodescendentes, dentre outras conjunturas, resulta primordialmente do processo de reafirmação da agenda de Durban, negada, vilipendiada e proscrita após o 11 de setembro de 2001 na agenda internacional, cujo processo de revisão não estava inscrito na agenda internacional.

A reafirmação de Durban ocorre posto que é assumida prioritariamente pelos movimentos sociais de homens e mulheres negras e indígenas das Américas e pelo governo brasileiro, com apoio do governo chileno e incidência no grupo de países da América Latina e Caribe. Vitória de *Los Nadie*.

VITÓRIA DE LOS NADIE Em contextos históricos estruturados pelo tripé patriarcalismo, racismo e classe, temos que considerar o papel desempenhado pelas identidades raciais. A ideia de raça é, com toda a certeza, o mais eficaz instrumento de dominação inventado nos últimos 500 anos. (Aníbal Quijano, *Família y cambio social*, 1999).

Falar de saúde da população é inserir o racismo no campo da dimensão sociocultural do processo saúde-doença, é ter o racismo como categoria analítica das condições do nascer, viver e morrer, é ter o racismo como um dos determinantes sociais de saúde. Implica admitir que o acesso universal e igualitário constitucional é bom, mas insuficiente para a garantia dos direitos humanos em saúde da população negra.

O campo saúde da população negra é gestado fora dos marcos da academia, por iniciativa de ativistas do movimento negro e pesquisadores, particularmente de mulheres negras. Suas primeiras inserções na agenda das políticas públicas de saúde datam da década de 1980, nas esferas estadual e municipal em São Paulo. No âmbito federal, isto só ocorre em 1995, após a Marcha Zumbi dos Palmares Contra o Racismo, Pela Cidadania e a Vida, quando o governo federal cria o Grupo de Trabalho Interministerial para Valorização da População Negra/GTI e o subgrupo Saúde. Período que se caracteriza pelo descompromisso em formular e efetivar ações que respondessem à situação de saúde da população negra. Reafirma-se no pre e pós Durban com apoio do Sistema das Nações Unidas no Brasil, fase em que se produz o documento “Política Nacional de Saúde da População Negra: Uma Questão de Equidade – Subsídios para o Debate”.

A partir da criação da Seppir, novos arranjos são feitos em articulação com ativistas do movimento de mulheres e homens negros/os, pesquisadoras/es negros/os, demais ativistas do campo de direito à saúde, e Ministério da Saúde; inicia-se o processo de elaboração da Política Nacional de Atenção Integral à Saúde da População Negra, aprovada em novembro de 2006. Após muita pressão por parte de ativistas de saúde do movimento negro, aprova-se o plano operativo na tripartite em 2008 e a política referendada por portaria em maio de 2009.

O Plano Operativo pode ser considerado um marco histórico ao considerar o racismo como determinante social das condições de saúde da população negra, ao transversalizar o tema nas ações de saúde, ao estabelecer estratégias de operacionalização, recursos financeiros, indicadores e metas para dois períodos 2008-2009 e 2010-2011. Todos os ritos institucionais foram cumpridos.

Pouco ou nada foi feito, para dizer o mínimo, apesar dos dados agora oficiais, que demonstram, de forma cabal, que a população negra morre mais precocemente que a população branca. A juventude negra é a grande vítima da violência homicida no Brasil: em 2008 morreram proporcionalmente 103,4% mais negros/negras do que brancos/as. *Los nadie* (...)

O que isto significa? Como romper com a naturalização de que a população negra não conta, não vale? Ou, outra vez Galeano, como desconstruir estruturas onde sobejam *los nadie que cuestan menos que la bala que los mata?*

Como nos poetiza Mario Benedetti, em “Vamos Juntos”, [...] la historia tañe sonora, su lección como campana, para gozar el mañana, hay que pelear el ahora, con tu puedo y con mi quiero, vamos juntos compañero[a], ya no somos inocentes, [...] con tu puedo y con mi quiero, vamos juntos compañero[a][...]

Maria Inês da Silva Barbosa é doutora em Saúde Pública.

Copyright © 2007 - DESAFIOS DO DESENVOLVIMENTO

É proibida a reprodução do conteúdo desta página em qualquer meio de comunicação sem autorização.
Revista Desafios do Desenvolvimento - SBS, Quadra 01, Edifício BNDES, sala 1515 - Brasília - DF - Fone: (61) 2026-5334